

Júlia Pereira da Silva
Pâmela da Costa D'Annunção
Taylane Brenda Souza de Azevedo

**A relação da sexualidade com o Transtorno Espectro Autista (TEA) na
adolescência.**

Nova Iguaçu
2021

Júlia Pereira da Silva
Pâmela da Costa D'Annunção
Taylane Brenda Souza de Azevedo

**A relação da sexualidade com o Transtorno Espectro Autista (TEA) na
adolescência.**

Artigo apresentado ao Curso de
Psicologia, da Universidade do Grande Rio
Prof. José de Souza Herdy, como requisito
parcial para obtenção do título de
Formação em Psicologia.

Orientador: Flávio Lopes Guilhon

Nova Iguaçu
2021

Júlia Pereira da Silva
Pâmela da Costa D'Annuniação
Taylane Brenda Souza de Azevedo

**A relação da sexualidade com o Transtorno Espectro Autista (TEA) na
adolescência.**

Artigo apresentado ao Curso de
Psicologia, da Universidade do Grande Rio
Prof. José de Souza Herdy, como requisito
parcial para obtenção do título de
Formação em Psicologia
Apresentada em: 23 de novembro de 2021

Banca Examinadora

Professor Dr. Pedro Moacyr Chagas Brandão Junior
Universidade de Vassouras

Professora Dra. Raquel Luiza Santos de Carvalho
Universidade do Grande Rio Prof. José de Souza Herdy

Professor Ms. Flávio Lopes Guilhon (Orientador)
Universidade do Grande Rio Prof. José de Souza Herdy

Nova Iguaçu
2021

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, que nos concedeu dom da vida.

Ao apoio dos nossos pais e irmãos (as) pois sem eles nada disso seria possível, obrigada por todo o incentivo e suporte durante essa caminhada.

Ao nosso orientador, Flavio Lopes Guilhon obrigada por ter sido tão solícito e disponível durante todo o trabalho e por ter acreditado nele. És um exemplo de pessoa, professor e orientador.

Aos amigos pessoais, que participaram dessa caminhada comigo com seu apoio, abraços calorosos e momentos de descontração em momentos difíceis.

As amigas de turma: Mayra Brasil, Maria Araujo e Stefani Friaça, pois não teríamos sobrevivido a tudo isso se não fosse os lanchinhos, risadas e cochichos na sala de aula e principalmente do ombro amigo, acolhedor, amável, nos momentos de desespero.

As colegas de turma; Karoline Marques e Jessica Taiane pelas palavras de incentivo e encorajamento durante a realização desse trabalho.

Ao supervisor de estagio João Diego O. M que teve participação durante a trajetória da faculdade e com ele pude aprender mais sobre saúde mental.

A banca examinadora, na pessoa dos professores Dra. Raquel Luiza Santos de Carvalho e Pedro Moacyr Chagas Brandão Junior, pela compreensão e contribuição e revisão feita no trabalho.

A todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho.

RESUMO

O Transtorno Espectro Autista é uma patologia classificada pela Classificação Internacional de Doenças (CID-10) e pelo Diagnostic and Statistical Manual of mental Disorders (DSM-V, 2013) como transtorno invasivo do desenvolvimento causador de déficits comportamentais, sendo uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social. Por conta disso, muitas das pessoas diagnosticadas com essa patologia, apresentam obstáculos no seu desenvolvimento seja ele (psicológico ou biológico que inclui a sua sexualidade que é negada ou vista como inexistente). Este trabalho discute a vivência adolescente no âmbito do Transtorno Espectro Autista, especialmente no que tange à sua sexualidade e como a sociedade dialoga com as especificidades dessa população nessa fase da vida. Nesse contexto, realizamos uma pesquisa bibliográfica nas bases virtuais Scientific Eletric Library Online (SciELO) e da Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia Brasil (BVS Psi), tomando a psicologia como principal intercessor nessa discussão, especificamente no período entre os anos de 2013 e 2021. Nossas análises sinalizam que o adolescente autista tem um desenvolvimento sexual normal porém apresentando algumas dificuldades provenientes tanto do transtorno quanto do contexto social, que apresenta alguns tabus frente a esse assunto.

Palavras-chaves: Psicologia. Transtorno Espectro Autista. Autismo.

ABSTRACT

The Autistic Spectrum Disorder is a condition classified by the International Classification of Diseases (CID- 10) and by Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DMS- V, 2013), as an invasive developmental disorder causing behavioral deficits, being a health condition characterized by the deficit in social communication. Because of this many people diagnosed with this pathology, presents obstacles in their development, be it (psychological or biological, which includes their sexuality, which is seen as denied or non-existent). This paper discusses the adolescent experience in the context of Autistic Spectrum Disorder, distinctively with consider to their sexuality and how society dialogues with the specificities of this population at this stage of life. In this setting, we conducted a biographical research in the virtual bases, Scientific Eletric Library Online (SciELO) and the Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia Brasil (BVS Psi), taking psychology as the main central in this discussion, especially in the period between the years 2013 and 2021. Our analyses indicated that the autistic adolescent has a normal sexual development but presents some difficulties arising from both the disorder and the social context that presents some taboos in relation to this subject.

Keyword: Psychology. Autistic Spectrum Disorder. Autism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	MÉTODO.....	11
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
3.1	Transtorno espectro autista.....	11
3.2	Adolescência.....	13
3.2	Sexualidade e autismo.....	14
4	DISCUSSÃO E RESULTADOS	17
4.1	Adolescência e suas características.....	20
4.2	A sexualidade de adolescentes com TEA.....	21
4.3	O pensamento dos pais frente a sexualidade de filhos adolescentes com TEA	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS.....	27

1. INTRODUÇÃO

A sexualidade é considerada como um aspecto fundamental na qualidade da vida humana, ela faz dimensão de tudo que somos, sentimos e fazemos, além de ser uma condição necessária para o bem-estar físico, psíquico e sociocultural (OMS, 1948). É uma dimensão da vida importante de ser considerada e estar presente nos projetos de inclusão, que tem como objetivo garantir os direitos das pessoas com deficiência em todas as áreas da vida. Estudos indicam a ausência de programas educativos sobre o tema (MACIEL, 2000).

De acordo com Maia e Ribeiro (2010), existem alguns os mitos com relação à sexualidade em pessoas deficientes, tais como a hipersexualidade ou a assexualidade e a incapacidade de manter vínculos amorosos ou ter filhos. Nesse contexto, é comum na sociedade algumas pessoas terem a atitude de infantilizar pessoas com deficiência, e têm o foco principal em suas imperfeições e dependências, fazendo com que se destaquem suas características de fase de desenvolvimento ou sobre seus aspectos individuais que contribuem para esse quadro de invisibilidade (DANTAS; SILVA; CARVALHO, 2014; FRANÇA-RIBEIRO, 2004).

O presente trabalho tem como objetivo identificar, através de uma pesquisa bibliográfica, a temática da adolescência no contexto das pessoas diagnosticadas com Transtorno Espectro Autista e a sua relação com a sexualidade, realizando um resgate histórico das transformações nas terminologias e na legislação sobre a inclusão de pessoas com deficiências, especificamente, pessoas com TEA.

Uma das questões que justifica a escolha do tema refere-se ao fato de ser um assunto ainda pouco discutido, além de ser um grande tabu para a sociedade, e com isso, afirmamos a importância dessa discussão, no sentido de desconstruir os preconceitos e estigmas que recaem sobre as pessoas com diagnóstico de TEA

Nossas indagações iniciais suscitaram os seguintes questionamentos: Como os adolescentes com Transtorno Espectro Autista se sentem em relação a sua sexualidade? De que forma a sociedade os veem quando o assunto é a sexualidade de pessoas autistas?

A partir do momento em que sua sexualidade aflora, o tratamento dos pais e cuidadores muda?

2. MÉTODO

A metodologia utilizada na realização deste projeto de pesquisa refere-se à realização de uma pesquisa bibliográfica nas bases virtuais do Scientific Electronic Library Online (SciELO) e da Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia Brasil (BVSpsi), especificamente entre os anos de 2013 e 2021, com a utilização dos seguintes descritores: autismo e adolescência, Transtorno Espectro Autista e adolescência, autismo e sexualidade.

Mediante as pesquisas realizadas, foram utilizados apenas cinco (5) artigos, sendo um deles de nacionalidade Uruguaia. Com isso, foi perceptível notar a falta de materiais para um estudo ainda mais aprofundado do tema, trazendo uma maior necessidade de pesquisa sobre o assunto referido.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Transtorno Espectro Autista

O autismo não é um transtorno único, ele é dividido em diferentes subtipos, que podem variar em intensidade e em características, a depender de cada indivíduo. De acordo com Diagnostic and Statistical Manual of mental Disorders V (DSM-V, 2013), em geral, esses aspectos se manifestam em dificuldades no convívio social, comportamento repetitivo, em alguns casos, ansiedade, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). O termo “espectro” é utilizado, pelos vários níveis de comprometimento, além disso é comum encontrar indivíduos que também são acometidos por outras doenças e morbidades, como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, com vida comum, sem jamais terem um diagnóstico (DSM-V, 2013).

O autismo é uma patologia classificada pela Classificação Internacional de Doenças (CID-10) e pelo Diagnostic and Statistical Manual of mental Disorders (DSM-V, 2013) como transtorno invasivo do desenvolvimento causador de déficits comportamentais, sendo uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social, pois é difícil a

socialização e comunicação verbal e não verbal, além do comportamento ser de interesse restrito, havendo uma dificuldade em entender os padrões relativos à idade, gênero e cultura.

Foi a partir dos estudos de Kanner (1894 - 1981) que houve o surgimento da palavra autismo que vem de grego “autos”, que significa si mesmo. Fica-se entendido que se trata de alguém que retrai a si mesmo, entretanto isto se aplica às crianças autistas de pouca idade, não havendo um tratamento adequado, no futuro ficarão isolados no ingresso da vida. De acordo com seu crescimento, podem tornar-se mais sociáveis ou não.

De acordo Coll *et al.* (2004), desde sua descoberta em 1943 por Kanner, por mais árduo que seja o trabalho terapêutico, apenas o contato com pacientes com Transtorno Espectro Autista é capaz de modificar a nossa interpretação da pessoa com TEA, tornando-o assim mais compreensível, pois se trata de um transtorno qualitativo do desenvolvimento, de difícil entendimento, frequentemente evidenciado por opacidades, imprevisibilidades, impotências e fascinações difíceis de serem descritas por se acentuarem além disso, apresenta uma complexidade em obter uma aceção adequada.

O autismo nos fascina porque supõe um desafio para algumas de nossas motivações mais fundamentais como seres humanos. As necessidades de compreender os outros, compartilhar mundos mentais e de nos relacionarmos são muito próprias de nossa espécie, exigem-nos de um modo quase compulsivo. Por isso, o isolamento desconectado das crianças autistas é tão estranho e fascinante para nós como seria o fato de um corpo inerte, contra as leis da gravidade e de nossos esquemas cognitivos prévios, começar a voar pelos ares em nosso quarto. (COLL *et al.*, 2004, p. 234).

O risco do autismo é majoritariamente genético e em torno de 97% com herdabilidade de 81%, conferindo apenas 1% a 3% aos fatores ambientais (DAN *et al.*, 2019). A pesquisa foi realizada em 2 milhões de indivíduos de cinco países diferentes. Segundo os referidos autores, o autismo não é consequência de alteração de um único gene, pois essas variações já foram encontradas em cerca de 800 genes, e ainda que a genética seja um componente ativo no desenvolvimento do autismo, existe uma complexidade no reconhecimento dos genes que estão ligados ao transtorno. Pesquisas apontam que o autismo não é consequência de alteração de um único gene, pois essas variações já foram encontradas em cerca de 800 genes (DAN *et al.*, 2019).

3.2 Adolescência

Ao final do século XVIII não se havia uma concepção de infância como uma etapa na evolução das pessoas, entendia-se que uma criança era apenas um adulto em miniatura, com isso, elas passavam a participar ativamente de atividades familiares, a morte de um parente ou até mesmo atividades cotidianas. Durante a revolução industrial iniciou-se uma mudança em cima desse conceito. Um dos principais fatores que contribuíram para essa alteração foi a instituição de leis regulamentadoras do trabalho e a responsabilização dos pais e escolarização dos filhos (ÁRIES, 1981).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência trata-se de um período da vida em que ocorrem diversas mudanças físicas, psicológicas e comportamentais, que começa dos 10 e vai até os 18 anos (1977). Uma das primeiras mudanças são as físicas, o corpo se modifica rapidamente, essa transformação fisiológica acontece juntamente com as mudanças comportamentais.

Segundo Maurico Knobel (1977) a adolescência normal pode ser caracterizada pela:

- 1) Busca de si mesmo e de sua identidade como pessoa;
- 2) Predisposição grupal;
- 3) Necessidade de intelectualizar e fantasiar as coisas;
- 4) Crises/conflitos religiosos;
- 5) Deslocação temporal;
- 6) Evolução sexual manifestada;
- 7) Atitudes sociais reivindicatórias com tendências anti ou associais;
- 8) Contradições sucessivas em praticamente todas as manifestações de conduta, e geralmente é dominada pela ação;
- 9) Uma separação progressiva dos pais;

10) Constantes flutuações e do estado de ânimo.

A adolescência é uma fase importante do desenvolvimento humano, ela corresponde ao período em que ocorre a transição entre a infância e a idade adulta, podendo ser caracterizada pelo crescimento e desenvolvimento que vão se manifestando intensamente através de transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais. Com isso, é possível entender que no contexto psicológico, a adolescência é a fase na qual o indivíduo começa a busca pela idade adulta, e a construção de identidade do adolescente está ligada diretamente ao contexto histórico, social e cultural em que se dá o desenvolvimento (SIFUENTES, DESSEN, & OLIVEIRA, 2007).

3.3 Sexualidade e Autismo

Figueiró (2006) descreveu a sexualidade como uma dimensão que inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor, os valores e normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual. Outro importante autor sinaliza que a sexualidade:

Se refere às elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto até o exercício do poder na sociedade. As definições atuais de sexualidade abarcam significados, ideais, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configuradas de modos diversos em diferentes contextos sociais e períodos históricos (MISKOLCI, 2010, p. 98).

Nesse contexto, a sexualidade se constitui em uma parte integrante da vida de cada indivíduo que contribui para a sua identidade ao longo de toda a vida e para o seu equilíbrio físico e psicológico. A sexualidade é relativa e pessoal, porquanto o que pode ser considerado agradável para alguns, pode não ser para outros. Além dela, ela se desenvolve de acordo com as experiências de cada pessoa.

Segundo a Organização Mundial de Saúde OMS:

A sexualidade faz parte da personalidade de cada um, é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito (relação sexual) e não se limita à ocorrência ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas, e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto, a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada um direito humano básico. (OMS, 2015)

O início do debate acerca da sexualidade no universo das pessoas com TEA, começou a realizar-se a partir de leis e diretrizes específicas, especificamente, através dos documentos sobre inclusão de pessoas com deficiência. No âmbito internacional alguns adquirem maior notoriedade, que são: a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes sancionada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1975, com avanços significativos como direito a tratamentos variados, empregos e atividades úteis, mas sem citações sobre sexualidade; Programa Mundial de Ações Relativas à Pessoa com Deficiência, também a partir da ONU (1981), enfatizando a importância para termos técnicos e analisa as dificuldades de maneira mais global e menos localizada no indivíduo; Declaração Mundial de Educação para Todos, realizada na Tailândia, em 1990; e a Declaração de Salamanca, (ONU, 1994).

No âmbito nacional, o marco legal mais recente foi a aprovação da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) no ano de 2015, que inclui aspectos importantes relacionados à sexualidade da pessoa com deficiência. O artigo sexto, especificamente, indica que:

A deficiência não afeta a plena capacidade civil da pessoa, inclusive para casar-se e constituir união estável; exercer direitos sexuais e reprodutivos; exercer o direito de decidir sobre o número de filhos e de ter acesso a informações adequadas sobre reprodução e planejamento familiar; conservar sua fertilidade, sendo vedada a esterilização compulsória; exercer o direito à família e à convivência familiar e comunitária e exercer o direito à guarda, à tutela, à curatela e à adoção, como adotante ou adotando, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas (BRASIL, 2015).

A sexualidade em nossa cultura vem sempre acompanhada de preconceitos e discriminações é um conceito amplo e complexo que envolve aspectos biológicos, culturais e históricos a ser compreendida em sua dimensão biopsicossocial (MAIA, 2010; NATALE & OLIVEIRA, 2013). A sexualidade em relação com a deficiência vem sendo discutida a algum tempo, porém para discutir essa relação tem de se pensar na visão da sociedade sobre as pessoas com deficiência.

A pessoa com diagnóstico de Transtorno Espectro Autista (TEA) é apresentada pelo modo de expressar seus sentimentos de maneira própria e única, como qualquer outra pessoa. O desenvolvimento sexual acompanha a ordem cronológica do desenvolvimento, não o lado cognitivo quando o indivíduo tem um comportamento distante do “normal” geralmente se dá pela forma o qual ele tem sido tratado, e não em função da deficiência.

A repressão é correntemente vista e entendida nos grupos de TEA, como resultado de um desequilíbrio interno dos afetos, dos comportamentos fora do padrão de normalidade como os padrões repetitivos e estereotipados a resistência a mudanças, insistência em determinadas rotinas, apego excessivo a objetos, ao jeito de se relacionar no mundo, diminuindo assim as possibilidades de se tornarem seres psiquicamente saudáveis (ALMEIDA, 2017). Há uma sobrecarga de valores morais e preconceitos que são aumentadas quando o tema a ser discutido passa a se tratar da sexualidade de adolescentes com TEA, causa mais controvérsia quanto às diferentes formas de abordá-lo, isto acontece na sociedade, na família, com os pais e na escola (ALMEIDA, 2017).

No desenvolvimento psicológico ocorre uma série de alterações que se manifestam na conduta e podem variar de acordo com intensidade e frequência, dependendo também do grau de distúrbio e do nível intelectual (ALMEIDA, 2017). Em alguns deles predomina a vontade de satisfação momentânea. Segundo os autores Haracopos e Pederson (1989), existem casos em que a capacidade de conter seus impulsos sexuais e agressivos é rudimentar, havendo a possibilidade de se ter pouca ou nenhuma autocrítica, com a possibilidade de haver uma distorção da percepção da realidade, trazendo assim uma sensação de capacidade limitada ou ausente de fantasiar e imaginar.

É necessário enfatizar a importância do relacionamento afetivo dos pais e familiares, para um adequado desenvolvimento da sexualidade. O núcleo familiar geralmente é representado como o protótipo de todos os relacionamentos que a pessoa irá ter ao longo de sua vida, mas ainda para a pessoa no Espectro Autista que precisa ser aceito pelo seu núcleo familiar, mas na impossibilidade de esta fazê-lo cabe a escola resgatar este papel oferecendo suporte dos valores integrativos, de autoestima, confiança e esperança.

O senso comum considera que as pessoas com Transtorno Espectro Autista não dispõem da autopercepção, precisam ser contidas, repreendidas, ameaçadas, utilizam chantagens, contudo ignoram o diálogo afetivo ou a informação com imagens. Assim como a família, outros profissionais tendem a impor condutas de comportamento, negligenciando seus sentimentos, não considerando as limitações intelectuais cujo indivíduo possui, não tendo limitações. Ela necessita de respostas coerentes as suas solicitações afetivo-sexuais, cujo beneficiem a sua autoconfiança, sua autoestima e seu senso de valor (ALMEIDA,

2017).

Quando se tem um frequente comportamento negativo dos pais e dos profissionais frente à sexualidade de adolescentes com TEA podem ocorrer conflitos e atitudes incoerentes de ambas as partes, gerando assim uma frustração, dor e muita angústia. Sabemos que independentemente se a pessoa possui uma deficiência intelectual ou é autista, ela sente, deseja, sonha, sofre, como qualquer ser humano, deste modo cabe a cada de nós desconstruir o preconceito frente à sexualidade humana e proporcionarmos uma vida com qualidade e respeito às singularidades individuais das pessoas cujo disponham de expressões da sua sexualidade diferente dos monotípicos (ALMEIDA, 2017).

Durante a adolescência os meninos com TEA deverão ser informados e orientados a respeito da ejaculação e, a poluição noturna que poderá acontecer, sempre orientando sobre os cuidados e limpeza necessárias. Já as meninas necessitam da orientação sobre como lidar com a menstruação e o que poderá ocorrer durante este período, sendo assim ambos precisam ter a informação sobre as mudanças que estão e que irão ocorrer em seus corpos na adolescência. A orientação sexual para pessoas com TEA, deve ser trabalhada e organizada com objetivos diversos, como por exemplo: A prevenção de gravidez precoce e indesejada, abuso sexual, risco de doenças sexualmente transmissíveis, entendimento sobre o funcionamento do próprio corpo, orientação a respeito dos códigos de comportamento sexual, melhora do relacionamento familiar e com os profissionais que forem buscados, e o favorecimento do desenvolvimento da identidade sexual.

4. DISCUSSÃO E RESULTADOS

A partir das pesquisas realizadas nas bases de dados e da pesquisa de descritores, foi obtido o resultado total de 293 artigos. Onde foram feitas leituras de seus títulos e resumos, nos quais utilizamos como critérios de inclusão e exclusão, a escrita nos documentos que englobasse a fala sobre adolescentes autistas e sexualidade. Através das pesquisas e leitura construímos os seguintes critérios avaliativos de acordo com os conceitos que estão em análise, artigos escritos em Português, baseados no tema mas dentro de um período de dez anos, sendo assim buscamos artigos entre 2013 e 2021.

Após esse processo, analisamos os artigos selecionados e buscamos verificar através de leituras os artigos repetidos. E seguido de toda verificação, estudamos as similaridades que havia entre os artigos. Assim foi obtido o seguinte resultado, usaremos para nossa pesquisa cinco artigos, onde dois foram encontrados na base de dados da BVSPsi, e os outros três na Scielo observou-se a disparidade nos anos de publicação, podendo se destacar o ano de 2019. Os periódicos que veiculam as publicações analisadas nesta pesquisa tiveram como origem quatro artigos do Brasil e um artigo do Uruguai.

Neste capítulo haverá uma divisão em tópicos para que haja melhor entendimento do tema referido, além de uma apresentação do material empírico feita a partir das temáticas identificadas.

A seguir, será apresentado uma tabela referente aos artigos encontrados e estudados afim de buscar resultados a nossa pesquisa.

TÍTULO	AUTORES	ANO	NOME DA REVISTA	PALAVRAS-CHAVES	OBJETIVOS	MÉTODO	CONSIDERAÇÕES FINAIS
As vivências de mães de jovens autistas	Leticia Segeren, Maria de Fátima de Campos Françoso	2014	Psicologia em estudo	Autismo; Adolescência; mães.	Investigar as vivências de mães de jovens autistas; Conhecer as rotinas diárias do jovem e sua família; Identificar as dificuldades encontradas na fase da adolescência.	Pesquisa qualitativa	Na maioria dos casos investigados nesse estudo o diagnóstico do autismo foi feito tardiamente e geralmente compreendido pelas mães como dificuldades no desenvolvimento da criança. A restrição à vida do lar e aos cuidados do filho foi relatada como situação de sofrimento pelas mães. Chamou-nos a atenção neste estudo que essas dificuldades são agravadas pelo desconhecimento das mães sobre a quem recorrer para obter orientação.
A chegada da adolescência para o autista: uma leitura psicanalítica	Cláudia Márcia Soares	2019	Psicologia em estudo	Adolescência. Autismo. Invenção. Psicanálise	Discutir a chegada da adolescência para o sujeito autista e as implicações advindas desse período da vida		Podemos perceber que a história de Owen nos mostra que cada autista vive o período da adolescência buscando suas próprias soluções e convoca também sua família a uma invenção singular que o possibilite encontrar seu lugar no mundo. Pela reinvenção da língua Disney, pois ela lhe permitia criar um clube de parceiros, Owen alcançou alguma subjetivação do

							gozo que lhe afetava o corpo na etapa da puberdade. Pergunta para a qual a clínica do caso a caso poderá nos trazer respostas.
Autismo e sexualidade	Lucia Maria de Lima Mello	2019	Psicologia em revista (Belo Horizonte)	Autismo. Sexualidade e. Psicanálise			Lacan demonstrará, por meio da falta irremediável de um significante no campo do outro, a existência de diferentes tipos de gozo, a impossibilidade lógica de significar a relação sexual. Acarreta um problema central, porque, contrariamente ao que ocorre com os animais para os quais um programa instintual obedece às leis da natureza, a sexualidade humana precisa dos registros imaginário, simbólico e real para se realizar.
“Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas	Aline Veras Moraes Brilhante Leila Maria de Andrade Filgueira Samuel Verter Marinho Uchôa Lopes Nathalie Barreto Saraiva VilarLivia Rocha Mesquita NóbregaAna Juarina Magalhães Verissimo Pouchain Luiz Carlos Gabriele Sucupira	2020	Ciência e Saúde Coletiva	Educação sexual, Sexualidade, Autismo	Analisar as demandas de pessoas autistas sobre sua sexualidade, alinhando-se ao paradigma da neurodiversidade.	Pesquisa qualitativa	Discutir o enquadramento metafórico hegemônico do autismo nos possibilita repensar como essas construções simbólicas orientam as ações educativas e terapêuticas, em um sentido dicotômico de patologização ou negligência. Essas medidas, contudo, requerem uma mudança paradigmática, sob risco de mudarmos na forma e não na estrutura.
Transtornos do Espectro Autista e sexualidade: um relato de	Rafael De Tilio	2017	Psicología, conocimiento y sociedad	Sexualidade; Autismo; Cuidadores	Investigar como um cuidador significa um indivíduo com TEA, especificame	Pesquisa qualitativa e descritiva sobre um relato de caso	Sujeitos acometidos por TEA considerando a dificuldade de percepção de que se o acometido é um indivíduo que se desenvolve de maneira específica, porém não anormal, a família resiste em aceitar que se

caso na perspectiva do cuidador					nte sua vivência da sexualidade	exploratório	trata de um sujeito possuidor de direitos, desejos e manifestações sexuais – o que não corrobora para com a plena autonomia deste sujeito.
---------------------------------	--	--	--	--	---------------------------------	--------------	--

4.1 Adolescência e suas características

É na adolescência que as mudanças corporais acontecem e essas mudanças podem provocar sofrimento, e para o adolescente as modificações ocasionadas pela puberdade podem ser confusas, o qual pode ser atribuído como um incômodo caso os pais não reconheçam essas mudanças. Desde a década de 1980 entende-se que a puberdade ocasiona inúmeras mudanças, não só no físico como assinalam o início da transição psicológica da infância para a vida adulta (HOPKINS, 1983). Essas mudanças alteram a forma que os pais percebem os filhos, encarar esta confusão de pensamentos, sentimentos e comportamentos sexuais é uma tarefa para todos os constituintes da família. Outros aspectos colaboram para o processo de desenvolvimento dos adolescentes como o acesso a recursos sociais, tais como trabalho, escola e relação com outros. Os autores que se dedicam ao estudo da adolescência concordam que essa é uma fase necessária no ciclo vital pela qualidade e quantidade de transformações biológicas, psicológicas e sociais que o indivíduo experimenta (KNOBEL, 1992).

De acordo com Blos (1994), conforme citado por Santos Amaral (2009) Dentre as mudanças biológicas a puberdade é o evento com mais destaque pois é nela que as características sexuais secundárias aparecem elas modificam a aparência a capacidade reprodutiva do adolescente e sua auto imagem. E como resultados dessa maturação sexual são acelerados os movimentos que buscam solidificar à autonomia e independência em relação a família.

Nos artigos analisados a adolescência é marcada por mudanças físicas ocasionadas por um determinante biológico é nesse momento em que ocorre a transição entre o ser criança o qual implica num abandono da posição infantil, em que a “autoridade” dos pais deixa de exercer seu papel para localizar o seu papel de sujeito no outro.

Devido ao real da puberdade, o sujeito é exilado de seu corpo de criança e das palavras de sua infância, sem poder dizer o que lhe acontece (LACADÉE, 2011, p. 75).

Nos aspectos psicossociais, observa-se a identidade como o item mais importante o jovem passa a se preocupar como ele é e como vai ser o futuro passando pela experimentação de papéis na tentativa de achar a sua verdadeira identidade Steinberg (1985). Por conta disso, a autonomia em relação aos pais é a tarefa psíquica mais importante na adolescência. Se a sexualidade já causa resistência de modo geral agindo conforme o meio e a cultura do indivíduo, com os portadores de deficiência mental essas dificuldades são ainda maiores.

A adolescência para quem possui o Transtorno Espectro Autista não é tão diferente de uma adolescência “normal”, todas essas modificações são percebidas no comportamento, e nas atitudes mas é preciso levar em consideração a diversidade da estrutura altruísta o autista utiliza o significante de modo totalmente solitário, trata-se para ele de puro gozo fora de sentido, fora do sentido na visão do Outro, fazendo com que se exclua toda forma de comunicação, situando-o radicalmente fora do discurso.

Segundo o autor Coll, (1995), na adolescência, tendem-se a aumentar os conflitos pessoais e interpessoais da pessoa com diagnóstico de TEA. É possível notar o surgimento de complicações, como por exemplo as crises de epilepsia, o acréscimo de estereotipias, problemas alimentares, ciclos depressivos, aumento da excitação e ansiedade. A solução que a pessoa com diagnóstico de Transtorno Espectro Autista encontra e costuma adotar é sempre original, única, de sua invenção e não a conhecemos antecipadamente. Fazendo necessária a nossa orientação, a fim de conquistar a confiança do sujeito, e com o tempo conseguirmos obter seu consentimento a respeito da presença do Outro (LACADÉE, 2009, p. 10). Na análise dos textos os autores mencionam que o sujeito autista deve ter recursos sem o socorro de discursos estabelecidos, ou seja, ele é obrigado a inventar um discurso, é obrigado a inventar seus socorros, seus recursos.

4.2 A sexualidade de adolescentes com TEA

A sexualidade em adolescentes com Transtorno Espectro Autista possui grandes barreiras, apesar de ela seguir os estágios normais do desenvolvimento, a falta de

consciência e habilidades sociais podem de certa forma reduzir as possibilidades de novas experiências em pares, pois podem haver momentos em que se comportaram de forma imprópria ao ver da sociedade, havendo assim, uma necessidade de uma orientação específica de seu desenvolvimento psicosexual. O sujeito com Transtorno Espectro Autista ensina o real, e essa prevalência do real na estrutura decorre da forclusão do furo, “da ausência da Bejahung, onde o sujeito permanece frente a um significante que não significa nada, salvo o ser de real antes de toda sexuação” (LEFORT, 2017, p. 52).

Segundo os autores, a sexualidade do autista na maior parte da vezes tem uma limitação atribuída exclusivamente à condição de deficiência, parte-se da presunção de incapacidade, culminando em uma limitação de investimentos, a uma baixa expectativa quanto a chance desse sujeito de se relacionar amorosamente, e ao receio de estimular um desejo sexual que não se desenvolveria naturalmente, nesse caso nota-se a infantilização como um meio de limitação. São destacados pelos autores Bosa e Zanon (2016) e Bastos e Deslandes (2012) que apesar das famílias os entenderem como não ativos e incapazes de exercer suas próprias vontades, retratando-os como eternas crianças que sempre serão dependentes e que demandam de proteção, isso ocorre de forma inconsciente. A Partir do momento que é dado tal valor a deficiência atribui o pressuposto de incapacidade. Quando reconhecida, a sexualidade dos portadores de TEA deve se apresentar de modo privado e verbalmente por meio da masturbação individual, não por inadequações, como tocar os órgãos genitais e/ou usar palavras e gestos obscenos em locais públicos e em situações inadequadas (BOURGONDIERA *et al*, 1997; FELPE, 2009).

Quando nos referimos a características e sintomas do autismo em homens e mulheres pode-se observar considerações diferentes, posto que mulheres com TEA tendem a camuflar o seu comportamento diante das imposições sociais (ECKERD, 2020). Segundo Turner *et. al* (2017) os indivíduos com Transtorno Espectro Autista especialmente as mulheres, mostram-se em maior diversidade em relação à orientação sexual em comparação ao resto da população sem autismo. De acordo com Felipe (2009) e Serra (2010) atualmente a sexualidade dos acometidos por TEA é reconhecida, porém com limitações. O acesso à sexualidade não passa somente pela descoberta do próprio corpo para a interação com o outro, desse modo, a interação e a socialização são essenciais nesse processo de vivência da sexualidade, em consequência, dificuldades no

estabelecimento das interações sociais (como ocorre nos TEA) potencialmente atuam e prejudicam o desenvolvimento e vivência da sexualidade (BOURGONDIERA et al, 1997; FELIPE, 2009). Devido a essas limitações de interações sociais, logo as manifestações sexuais serão prioritariamente auto eróticas (BASTOS & DESLANDES, 2012).

4.3 O pensamento dos pais frente a sexualidade de filhos adolescentes com TEA

Apesar dos adolescentes com Transtorno Espectro Autista terem um desenvolvimento sexual normal, existem algumas singularidades que não podem ser ignoradas, mesmo sendo alvos de silenciamento frequentemente, há uma grande dificuldade e limitação em se realizar uma coleta de dados diretamente com os acometidos com TEA, principalmente por informações sobre sua sexualidade podem ser obtidas junto aos seus cuidadores (GOMES, LIMA, BUENO, ARAÚJO, & SOUZA, 2015). Apesar das dificuldades enfrentadas, os pais/cuidadores são a principal fonte de informações que os adolescentes com TEA poderiam ter.

Segundo os autores dos artigos analisados, os pais demonstram receio em relação à sexualidade de seus filhos, pois ainda há uma grande resistência em relação a este tema. Eles acreditam que seus filhos ainda são crianças pelo fato de enxergarem o mundo de forma diferente. Isso interfere em diversos fatores, como por exemplo, a negação da sexualidade de seus filhos causando assim uma frustração ao adolescente com TEA. Através dos artigos analisados é possível compreender que a sexualidade dos acometidos por Transtorno Espectro Autista pode vir a gerar conflitos de diversas maneiras, porquê enquanto eles considerarem suas vivências sexuais aceitáveis, a sociedade em si as considera inadequadas, principalmente suas famílias (BOSA & ZANON, 2016; FELIPE, 2009).

É comum os pais desconsiderarem a sexualidade de seus filhos especialmente as experiências individuais como a masturbação e experiência com orgasmo. A subestimação dos pais e o desconhecimento da experiência sexual dos adolescentes podem influenciar a comunicação, educação sobre sexo e sexualidade nas famílias (DEWINTER, *et al.*, 2016).

Isso ocorre muito pelo fato dos pais não acreditarem que filhos possam desenvolver relacionamentos afetivos ou sexuais, por conta de possuírem algum sintoma mais

severos provenientes do TEA. A família, os cuidadores e a sociedade aguardam constantemente que a sexualidade de pessoas portadoras de necessidades especiais não se manifeste ou que ela se apresenta inadequada e carente de controle (BOSA & ZANON, 2016). É a função dos pais aconselhar os filhos em relação à sexualidade especialmente no enfrentamento de novas adversidades, é necessário que eles reconheçam o seu papel na educação sexual dos filhos. De acordo com Souza, Fernandes e Barroso (2006), existe uma dificuldade de haver um diálogo a respeito da sexualidade entre pais e filhos porque ainda há um pensamento conservador dos pais em relação a este assunto, pois acreditam que isso estimule de certa forma os adolescentes a terem relações sexuais precocemente, e haja perpetuação de mitos e tabus.

Foi possível perceber que não há muitas leituras disponíveis que contemplem o tema que possam contribuir com a nossa escrita. Mas quando encontrada é perceptível a apresentação dos desafios enfrentados pelos adolescentes autistas, sobre a administração e controle da sua sexualidade e as mudanças do seu corpo, assim como seus desejos pelo outro, orientação sexual e identidade de gênero. Assim como todo adolescente o autista também passa pelo seu período de transição, onde tem a sua fase de descoberta da sua sexualidade. Porém como podemos observar nos textos que usamos como referência, a família do autista tem uma influência significativa dentro do processo e os familiares em maioria as mães costumam ter o entendimento de que esse adolescente autista tem sim que passar por esta etapa também. O autista, mesmo que por sua vez possa se sentir oprimido a viver sua sexualidade, ele deve se expressar, demonstrar sentimentos e apresentar suas escolhas. O adolescente autista assim como todos os outros adolescentes, também podem ter relacionamentos, tomar suas opiniões como sua orientação sexual e sua identidade de gênero.

No que tange ao acompanhamento de crianças e adolescentes diagnosticadas com TEA, podemos citar a Associação de Pais e Amigos Excepcionais (Apae). Esta associação é uma organização social sem fins lucrativos, reconhecida como de utilidade pública federal é certificada como beneficente de assistência social, de caráter cultural, assistencial e educacional, nasceu diante da ineficiência do Estado em promover políticas públicas sociais que garantam a inclusão dessas pessoas (BRASIL, 2016)

A Associação de Pais e Amigos Excepcionais promove o acesso ao conhecimento, direitos, bens sociais, qualificação para inserção no mundo do trabalho, reabilitação, capacitação para o exercício pleno da cidadania das pessoas com deficiência mental e múltipla, fortalecendo a autonomia e independência dessas pessoas além de oferecer atendimentos nas áreas de - Estimulação precoce - Educação infantil - Ensino fundamental - Inclusão no mundo do trabalho – Auto defensoria e família - Educação de jovens e adultos - Atendimento educacional especializado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresenta os resultados encontrados em uma pesquisa bibliográfica que teve como principal objetivo investigar a relação da sexualidade e do Transtorno Espectro Autista (TEA) na adolescência. Foi realizada uma análise a partir de uma revisão teórica a respeito da sexualidade de adolescentes com TEA, na montagem do artigo ela foi apresentada de maneira organizada, visando assim um melhor entendimento a respeito do tema escolhido.

As produções analisadas sinalizam que apesar de toda a dificuldade que os adolescentes com TEA enfrentam em relação a sua sexualidade, faz-se importante ações que garantam essa dimensão de suas vidas, apesar do receio que sentem em relação ao comportamento de seus pais/cuidadores e da sociedade em si, para que não se tornem pessoas frustradas e infelizes futuramente.

A leitura dos artigos selecionados nos possibilitou pensar e refletir, por um lado sobre a falta de produção acadêmica a respeito da sexualidade em adolescentes com Transtorno Espectro Autista, e por outro sobre quanto o excesso de preocupação acerca dessa dimensão de suas vivências pelos pais e familiares, e como isso acaba mais sufocando que ajudando.

Além do cuidado de outros profissionais, a psicologia se faz extremamente importante nesse contexto, considerano que suas práticas possibilitam melhor apreensão da pessoa com autismo sobretudo por sua família, além de possibilitar que os próprios adolescentes identifiquem os comportamentos e os pensamentos que causam desconfortos e precisam ser trabalhadas.

A partir da análise dos artigos pesquisados, foi possível observar que existem convergências em algumas temáticas, como por exemplo, as dificuldades em relacionamentos amorosos e sociais, as principais características da sexualidade no desenvolvimento da pessoa com diagnóstico de TEA, suas vulnerabilidades e a castração familiar. A realização deste artigo nos proporcionou um grande esclarecimento a respeito dessa importante temática que ainda é um grande tabu para a sociedade, pois assim podemos demonstrar que os portadores de Transtorno Espectro Autista quando ensinados a respeito da sua sexualidade corretamente podem ter uma vida comum, desde que sejam ouvidos de forma clara e sem julgamentos, e que haja sempre um auxílio familiar ou de qualquer outra pessoa.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda e cols. Adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL. Mauricio. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. Trad.S. M. G. Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ALMEIDA, Marina Silveira Rodrigues - A expressão da sexualidade das pessoas com autismo - Transtorno do Espectro Autístico - TEA, 2017.

American Psychiatric Association – *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM – V). Porto Alegre, Artes Médicas, 2015.

AMARAL, Cassiane Echevengua dos Santos. O RECONHECIMENTO DOS PAIS SOBRE A SEXUALIDADE DOS FILHOS ADOLESCENTES COM AUTISMO E A SUA RELAÇÃO COM A COPARENTALIDADE. 2009. 85 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/27825>. Acesso em: 30 out. 2021.

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p.279.

BRILHANTE, Aline Veras Moraes; FILGUEIRA, Leila Maria de Andrade; LOPES, Samuel Verter Marinho Uchôa; VILAR, Nathalie Barreto Saraiva; NÓBREGA, Lívia Rocha Mesquita; POUCHAIN, Ana Juarina Magalhães Verissimo; SUCUPIRA, Luiz Carlos Gabriele. “Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. *Ciência & Saúde Coletiva*, [S.L.], v. 26, n. 2, p. 417-423, fev. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232021262.40792020>. Disponível em: <https://scielosp.org/article/csc/2021.v26n2/417-423/>. Acesso em: 30 out. 2021.

BRASIL. Federação Nacional das Apaes. Brasília. 2016.

BAI, Dan; Hon Kei Yip Benjamin; Windham Gayle C; Sourander Andre; Francis Richard; Rinat Yoffe; Glasson Emma ; Mahjani Behrang; Suominen Auli; Leonard Helen; Gissler Mika; D. Buxbaum Joseph; Wong Kingsley; Schendel Diana; Kodesh Arad; Breshnahan

Michaeline; Z. Levine Stephen; T. Parner Erik; N. Hansen Stefan; Hultman Christina; Reichenberg Abraham; Sandin Sven. Association of Genetic and Environmental Factors With Autism in a 5-Country Cohort. *JAMA Psychiatry*.2019;76(10):1035-1043. doi:10.1001/jamapsychiatry.2019.1411 Disponível em: acesso em 26 de abril de 2021.

COLL, César; PALACIUS, Jesús; MARCHESI, Alvaro. Desenvolvimento Psicológico da Educação: Transtornos do Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais. 2 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

BRASIL, Lei nº [13.146](#), de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm Acesso em 11 de junho de 2021.

DECLARAÇÃO de Salamanca sobre Principios, Política e Prática em Educação Especial. Espanha, 1994. Resolução das Nações Unidas adota em Assembleia Geral, A/RES/48/96. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> Acesso em 11 de junho de 2021.

DECLARAÇÃO DE SUNDBERG. Conferência Mundial sobre Ações e Estratégias para a Educação, Prevenção e Integração – 1978. Tradução: SASSAKI, Romeu Kazumi. Rede Saci, 2004. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/nada-sobre-n%C3%93s-sem-n%C3%93s1.pdf> Acesso em 11 de junho de 2021.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas. 9 dez. 1975. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/deficiente/lex61.htm> Acesso em 11 de junho 2021.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: Definições, conceitos e critérios. *Adolesc Saude*. 2005;2(2):6-7

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 1-21, 2006.

FRANÇA-RIBEIRO, Hugues Costa. Sexualidade e os portadores de deficiência mental. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 7, n. 2, p. 11-27, 2001.

GADIA, Carlos A.; TUCHMAN, Roberto; ROTTA, Newra T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. J. Pediatr. (Rio J.), Porto Alegre, v. 80, n. 2, supl. p. 83-94, abril de 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572004000300011&lng=en&nrm=iso>. acesso em 26 de abril de 2021. <https://doi.org/10.1590/S0021-75572004000300011> .

Haracopos, Demetrious. & Pedersen, Lennart. (1992). Sexualidade e autismo: relatório dinamarquês. Reino Unido: Sociedade para a artisticamente para deficientes.

KNOBEL, Mauricio. El síndrome de la adolescencia normal. In: ABERASTURY, Arminda.; KNOBEL, Mauricio. La adolescencia normal. Buenos Aires: Paidós, 1977.

L'ABBRACCIO, Natale; OLIVEIRA, Luiz Fernando Santos. Aspectos da sexualidade das pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo de Alto Funcionamento. In: CAMARGOS J R., W. (Org.) Síndrome de Asperger e outros Transtornos do Espectro do Autismo de Alto Funcionamento: da avaliação ao tratamento. Belo Horizonte: Artesã, 2013. p. 213-228. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/pdf/pcs/v7n1/1688-7026-pcs-7-01-00036.pdf> Acesso em: 27 de abril de 2021.

MACIEL, Maria Regina Cazzaniga. Portadores de deficiência: a questão da inclusão social. São Paulo Perspec. 2000, vol.14, n.2, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000200008> Acesso em 11 de junho 2021.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. Rev. bras. educ. espec., Marília, v. 16, n. 2, p. 159-176, Aug. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382010000200002&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Apr. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382010000200002>.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Educação sexual de pessoas com deficiência mental. In: FIGUEIRÓ, M. N. D.; RIBEIRO, P. R. M.; MELO, S. M. M. (Org.) Educação sexual no Brasil:

panorama de pesquisas do sul e do sudeste. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 141-148, 2009a. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1632> Acesso em 15 de maio de 2021.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Emre Molnár. Metodologia científica. 4 ed. São Paulo. Atlas, 2006

MELLO, Lucia Maria de Lima. AUTISMO E SEXUALIDADE: autism and sexuality. Psicologia em Revista,, Belo Horizonte, v. 3, n. 25, p. 1263-1273, out. 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/22699>. Acesso em: 25 out. 2021

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Preâmbulo da Constituição da Organização Mundial da Saúde, 18-11 de junho de 1946. Disponível em : <https://www.who.int/health-topics/sexual-health> Acesso em 11 de junho de 2021.

PINHEIRO, Silvia Nara Siqueira. Sexualidade e deficiência mental: revisando pesquisas. Psicol. Esc. Educ. (Impr.), Campinas, v. 8, n. 2, pág. 199-206, dezembro de 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572004000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 de abril de 2021. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572004000200008>.

RIBEIRO, Sara C. Martins. Inclusão social dos jovens com deficiência mental: o papel da formação profissional. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto, 2009. Disponível em: Acesso em 15 de maio de 2021.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência, e Cultura. UNESCO. Declaração Mundial para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien, 1990. Unesco, 1998. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000086291_por Acesso em 11 de junho de 2021.

ZAPPE, Jana Gonçalves; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Adolescência em diferentes contextos de desenvolvimento: risco e proteção em uma perspectiva longitudinal. Psico (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 47, n. 2, p. 99-110, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

53712016000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 de maio 2021.
<http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2016.2.21494>.

SEGEREN, Leticia; FRANÇOZO, Maria de Fátima de Campos. As vivências de mães de jovens autistas. *Psicologia em Estudo*, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 39-46, mar. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-7372189590004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/gwxcs>

SOARES, Cláudia Márcia. A CHEGADA DA ADOLESCÊNCIA PARA O AUTISTA: UMA LEITURA PSICANALÍTICA. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 3, n. 25, p. 1274-1286, out. 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/22695>. Acesso em: 8 set. 2021.

TILIO, Rafael de. Transtornos do Espectro Autista e sexualidade: um relato de caso na perspectiva do cuidador. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, [s. l], p. 36-58, abr. 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=475855160009ysmPLNgcMXsc7cf6cb/?lang=pt>. Acesso em: 26 out. 2021.

